

A SINONÍMIA LÉXICA

Paulo Mosânio Teixeira Duarte (UFC)
iorbrunus@gmail.com

RESUMO

Nosso artigo versa sobre sinonímia lexical. Nele nos deteremos em autores de gramáticas normativas portuguesas para em seguida focarmos linguistas como Ulmann (s/d), Palmer (s/d) e Lyons (1979). Nosso propósito é mostrar que a sinonímia “real” é caso raro por entrarem em jogo fatores de natureza diatópica, diastrática e diafásica. Fatores como emotividade, valoração, intensidade, previstos no léxico serão avaliados, e concluímos que só de uma perspectiva “intelectiva”, referencial, melhor dizendo, pode-se falar em sinonímia nos dois primeiros fatores, dado que, para nós, um fator como a intensidade descarta a existência de sinônimos.

Palavras-chave: Sinonímia. Léxico. Palavras evocativas. Emotividade. Valoração.

1. *Introdução*

Um dos assuntos mais polêmicos em semântica é a sinonímia, devido à variedade de fatores que interferem no fenômeno, acerca dos quais falaremos oportunamente.

Bloomfield (1933), respeito dela, assevera:

Nosso pressuposto fundamental implica que cada forma linguística tem um significado constante e específico. Se as formas são foneticamente diferentes, supomos que os significados das mesmas também são diferentes (1933, p. 145) (tradução nossa).

Bréal (1992), num capítulo “A Lei da Repartição”, põe em dúvida a existência da sinonímia. Convém, antes, definir o que Bréal chama de repartição: “A ordem intencional em virtude da qual as palavras que deveriam ser sinônimas, e que o eram efetivamente, tomaram, entretanto sentidos diferentes e não pode mais ser empregada uma por outra” (1992, p. 33).

Afirma o autor que a linguagem tem valor para a troca de ideias, para a expressão dos sentimentos e a discussão dos interesses e, por isso, ele se recusa a aceitar uma sinonímia que seria inútil. Ou os termos sinônimos diferem ou um deles desaparece.

Vários fatores interferem na não existência da sinonímia. Um deles: quando duas línguas, ou mesmo dois dialetos, entram em contato, há um trabalho de classificação que consiste em atribuir valores às expressões inicialmente sinônimas. Se um idioma é dado como superior ou inferior, seus termos podem adquirir prestígio ou ficar desprestigiados. Na Bretanha, *verbi gratia*, segundo Bréal, os jardins eram denominados *courtils*. Uma vez conhecida a palavra *jardin*, um sentimento de desprezo se associou à denominação rústica.

A influência das ciências, da filosofia e da literatura pode também ter influência decisiva. Por exemplo: Platão, no âmbito filosófico, sentiu necessidade de distinguir dois termos que antes eram sinônimos: *archai* (dos princípios) e os *stoicheia* (os elementos: fogo, terra, ar).

Outro fator a ser considerado é a evolução conceitual na psicologia dos povos. Um exemplo é a raiz *man*, que parece ter servido no princípio para denominar as operações mentais em sua totalidade, o pensamento ou a paixão. Com o passar do tempo, estabeleceram-se distinções, em nível verbal, entre as duas citadas operações.

Posto isto, vamos falar mais detidamente no fenômeno sinonímia, aqui no domínio lexical, vez que há a sinonímia frasal ou paráfrase, que, dada a complexidade, merece outro trabalho, pois envolve aspectos e fatores bem diferenciados da sinonímia lexical. Começamos por incursionar na sinonímia nas gramáticas tradicionais de língua portuguesa para em seguida adentrarmos a sinonímia na visão da linguística moderna, com referência a autores como Ulmann (s/d), Palmer (s/d) e Lyons (1979).

2. A sinonímia nas gramáticas normativas

Existem autores que se limitam a definir a sinonímia em diversos termos. Dividi-los-emos nos seguintes aspectos:

- a) Sinonímia em termos conceituais: Cunha (1986, p. 96) fala de sinônimos quando as palavras apresentam uma semelhança geral de sentido, como próximo/perto, *feliz/ditoso*.

- b) Sinonímia em termos conceituais e tipologia: Pereira (1943, p. 171-172) se refere à sinonímia quando há palavras *diversas* na forma e idênticas ou semelhantes na significação. Sem definir os tipos, apresenta dois tipos: sinônimos perfeitos, como *cara/rosto, beíço/lábio, mortal/letal* e sinônimos imperfeitos, a exemplo de *bom/ misericordioso, cavalo/corcel*.
- c) Maciel (1911, p. 351) remete a palavras com a mesma ideia ou afirmação (paráfrase). Depois corrige o que assevera afirmando haver semelhança, não identidade de sentido. Reconhece, pois, como geral a sinonímia imperfeita, sendo rara a perfeita.
- d) Sinonímia em termos conceituais, tipologia e fatores intervenientes: Silva Jr. e Andrade (1894, p. 173) estranhamente falam de sinônimos como palavras que pertencem à mesma categoria gramatical e idêntico sentido, mas depois admite a necessidade de existir a mesma classe gramatical e reconhece que, no uso, há nuances diversas de sentido. Identifica como fator interveniente a mesma extensão, no sentido lógico do termo. Reconhece sinônimos perfeitos, a exemplo de *avaro/avarento, arrote/eructação, espectro/abantesma* e imperfeitos, mas não exemplifica. Admite como fatores para a sinonímia: a polionímia, a tendência para nomear diversamente os objetos, a renovação erudita via cultura literária, a criação vernácula com suas potencialidades, a importação estrangeira, o vocabulário plebeu e a gíria e as diferenças dialetais. A sinonímia perfeita é, para os autores, fato raro, devido à restrição de sentido, como em *nédio/nítido, rezar e recitar*.

Maciel (1911, p. 105-109) acolhe os sinônimos como vocábulos de significação idêntica ou semelhante: júbilo/contentamento, *regozijo/alegria*, identifica os de natureza perfeita e os de natureza imperfeita, podendo haver os de mesma raiz ou orgânicos ou de natureza imperfeita ou raízes distintas.

Cegalla (1983, p. 203) reconhece a existência de identidade ou semelhança de sentido. No segundo caso, interfere: a maior ou menor amplitude de significados (*veículo/carro*), o uso corrente ou literário, técnico ou científico. Só uma ressalva: hiperônimos como *veículo*, que contém o termo *carro* só se dão no nível do texto não do léxico.

Lima (1976, p. 448-451) apresenta uma exposição densa e enxuta.

Acolhe a sinonímia imperfeita como predominante, pois interferem a tecnicidade ou usualidade da palavra, o emprego corrente ou literário o uso nobre ou plebeu, que é, reconhecamos, critério vago. Não há registro literário apenas porque a palavra é erudita. O termo *plebeu*.

Notamos que os gramáticos referidos se atêm aos significados ditos referenciais. Basta que vejamos os exemplos de Cunha (1986) feliz/ditoso, sendo o segundo vocábulo de cunho formal. Silva Jr. e Andrade (1894) sinonimizam regozijo, de natureza formal, e alegria, da linguagem corrente em termos de frequência. Chega a dar como sinônimos *fantasma* e *abantesma*, este último de caráter arcaico. Pereira (1943) dá como sinônimos *mortal* e *letal*, este mais formal.

3. A sinonímia em perspectiva linguística

3.1. A perspectiva de Ullmann

Ullmann (s.d.) reconhece que há uma grande dose de verdade nas afirmações contrárias à possibilidade de uma completa sinonímia. Admite, porém, que não é verdade inquestionável. Exemplifica com a linguagem técnica. Dá como exemplos os termos da Fonética *espirantes* e *fricativas*, que o mesmo autor, segundo ele, pode usar indiferentemente. Exemplifica também com os termos da Linguística: *semântica* e *semasiologia*, e da Medicina: *cecitus* e *typhlites* (inflamação do intestino cego). Em alemão, temos: *Lautlehre* e *Phonetik*, (Fonética), *Formenlehre* e *Morphologie* (Morfologia), *Bedeutungslehre* e *Semantik* ou *Semasiologia* (Semântica). Não concordamos com Ullmann *in totum*. Basta que tomemos como exemplo a Química e a Farmácia. O que na primeira se chama ácido clorídrico na segunda se chama cloreto de hidrogênio. Os exemplos podem se multiplicar entre estas duas ciências referidas e a mineralogia.

Ullmann, porém, remete a recentes estudos sobre formação de terminologias industriais, os quais mostraram que vários sinônimos surgiram em torno de uma invenção.

Ullmann admite, contudo, que, feita a contabilidade, poucas palavras são completamente sinônimas no sentido por não serem permutadas em qualquer contexto, sem que isto acarrete a mais leve alteração do significado objetivo. Apoiar-se nas conclusões de Collinson, que podem ser assim estabelecidas:

- a) um termo é mais geral que outro: *recusar/rejeitar*;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- b) um termo é mais intenso que outro: *repudiar/rejeitar*;
- c) um termo é mais emotivo que outro: *gana/vontade*;
- d) um termo pode implicar aprovação ou censura moral enquanto o outro é neutro: *parco, frugal/econômico*;
- e) um termo é mais profissional que outro: *óbito/morte*;
- f) um termo é mais literário que outro: *passamento/morte*;
- g) um termo é mais coloquial que outro: *recusar/declinar*;
- h) um termo é mais local ou dialectal que outro: *tangerina/mexericã*
- i) um dos sinônimos pertence à linguagem infantil: *papá/pai*.

Podemos esquematizar a proposta de Ullmann conforme o que assenta Martins (1989, p. 105-07).

- a) Distinção em termos de diferença objetiva: um termo é mais geral: *carro/automóvel, cortar/decepar, morrer/perecer*.
- b) Distinção em termos de intensidade: *berrar/gritar; suplicar/pedir; gargalhar/rir/sorrir*.
- c) Distinção quanto ao teor emotivo e avaliativo: *abandonar/deixar; maníaco/sistemático*.
- d) Distinção em termos de valores evocativos (que, segundo Bally (1951, p. 203), dizem respeito à origem ou à variedade sociolinguística de uma palavra):
 - um termo é mais profissional que outro: *cirurgia/operação; escabiose/sarna*.
 - um termo é mais literário que outro: *venusto/belo; falaz/enganador; ósculo/beijo*.
 - um termo é mais coloquial ou mais vulgar que outro: *bagunça/desordem; boia/comida; unha-de-fome/avaro; milico/soldado*.
 - um termo é mais real ou dialetal que outro: *vasquim/escasso; quicé/faça; quengo/cabeça*.

Há que destacar-se, como a própria autora reconhece, que é difícil

traçar uma distinção clara entre os parâmetros *b* e *c* porque intensidade e emotividade se imbricam. Há que se ir mais além: a dificuldade estabelecer limites entre intensidade, emotividade e valoração, pois são subespécies da função expressiva da linguagem. Por exemplo, a palavra *esquelético* é mais intensa que *magro* e mais “valorativa” e emotiva. Os três traços ou dois deles podem comparecer, mas se aparece intensidade, temos por bem descartar sinonímia.

Se um termo é mais intenso, que outro, não há sinonímia, pois esta conotação já está prevista no léxico, não havendo sobreposição de sentidos mesmo quando nos limitamos à referencialidade.

Ademais, não se pode falar de um termo mais literário que outro em função do caráter raro do termo, porque o caráter erudito de um termo não implica sua literariedade, vez que a literatura não se compõe necessariamente de palavras eruditas.

A distinção, em termos de caráter evocativo de cunho diatópico, é um problema porque, se numa região, uma palavra é usada e noutra é questionável falar de sinonímia a não ser que nos atenhamos a ela em termos referenciais. O mesmo se diga dos valores evocativos.

Apesar do exposto, não se vá inferir que não existam palavras cujos significados não se cruzam. *Generoso* na expressão *rapaz generoso* pode ser substituído sem problemas por *bondoso*.

A sinonímia parcial pode dar-se em conformidade com o contexto. A admissão deste tipo de sinonímia é acatada entre diversos linguistas, a exemplo de Câmara Jr.:

Há necessariamente coincidências múltiplas, e a equivalência significativa de duas ou mais palavras, possível em princípio, ainda é mais possível numa dada situação linguística, onde só funciona uma parte do campo semântico que cada palavra abarca. É fácil afirmar, por exemplo, diferenças de acepção entre termos como *luta* e *guerra*, tomados isoladamente; mas numa frase sobre “a guerra na Coreia” se pode usar, em substituição, *luta* sem qualquer prejuízo do alcance informativo (1978, p. 54-5).

Na linguística textual, observou Fávero (1991, p. 24): “o importante é a identidade referencial, pois a sinonímia não é um problema puramente léxico, mas textual”. Mas valores conotativos podem interferir e afetar a sinonímia, repetimos, e podem ter implicação estilística. Em essência, o que pensa Fávero se associa ao mesmo parecer de Guimarães (1990, p. 31), para quem são lexemas sinônimos os que possuem identidade referencial. Fazemos a mesma ressalva feita a Fávero.

Assentada a possibilidade da sinonímia parcial como regra, indagamos se existem métodos para aferi-la. Um dos métodos propostos é o da substituição. Por este método, pode-se inferir sinonímia entre *dirigir* e *governar* em determinados contextos, mas não em todos. Ullmann (s.d., p. 296) chama atenção para o fato de que pode não haver sobreposição no que tange aos aspectos estilísticos. Embora próximos quanto ao significado objetivo, dois itens lexicais podem diferir quanto aos registros ou níveis de estilo, o que interfere obviamente na permutação deles.

A tecnicidade, quando restrita e não divulgada na linguagem comum é questionável. *Óbito* e *escabiose* constituem sinônimos de *morte* e *sarna*, respectivamente em termos de referencialidade, mas não em termos de valores “técnicos”. Salientemos que, quando itens lexicais se disseminam na linguagem cotidiana perdem o caráter técnico e desfazem sinonímia, a exemplo de *mania* (doença mental) e *mania* (hábito), *neurótico* (oposta à psicose) e *neurose* (louco, obsessivo), *paranoico* (transtorno delirante) e *paranoico* (desconfiado). Na linguagem cotidiana, algum sofre redução, como *neura* e *noia*, de *neurose* e *paranoia*, respectivamente.

Palmer (s.d., p. 77), todavia, não vê com muito entusiasmo o método da substituição, pois ele indica somente a possibilidade de coocorrência. Por outro lado, não parece que haja necessariamente uma relação íntima entre essas possibilidades e a proximidade de significado.

Um critério proposto por Ullmann é o da investigação dos opostos. Deste modo, *declinar* é mais ou menos sinônimo de *recusar* quando significa o oposto de *aceitar*, mas não quando se opõe a *elevantar-se*. Isto, porém, não descarta o método anteriormente descrito, pois é exatamente no contexto em que *recusar* e *declinar* podem se alternar, porque ambas tem o antônimo *aceitar*. Isto sem falar nas diferenças estilísticas e os níveis de registros sempre em jogo. Ou seja: o método de Ullmann depende da subjetividade do analista.

Ullmann (s.d., p. 297) propõe adicionalmente um método de diferenciar sinônimos, que consiste em agrupá-los numa série em que os seus significados e tonalidades distintivas se destacam por intermédio de contraste. Convenhamos, todavia, que nem sempre é fácil estar atento para sutilezas de tais séries, das mais diversas ordens entre significados. Isto depende e muito da argúcia daquele que analisa. A distinção é mentalista e supõe *a priori* conhecimento das distinções pelo analista, sendo dada, pois, *a posteriori*. Mais uma vez, entra em jogo a subjetividade do lin-

guista.

3.2. A proposta de Lyons

Lyons (1979, p. 476), mais enxuto na classificação da sinonímia, apela somente com dois conceitos: o de sinonímia total e o de sinonímia completa. Para o primeiro tipo, estipula uma condição: possibilidade de intercâmbio em todos os contextos. Para a segunda, usa como parâmetro a equivalência entre os significados cognitivo e afetivo.

Existem, então, em termos de combinatória, quatro possibilidades:

- a) sinonímia completa e total;
- b) completa, mas não total;
- c) incompleta, mas total;
- d) incompleta e não total.

Lyons, na verdade, apenas organiza o que já estabelecera Ullmann, quando este afirmava só se considerar como sinônimas as palavras que se podem substituir em qualquer contexto sem a mais leve mudança ou no sentido cognitivo ou no afetivo.

Como vemos, Ullmann mistura dois critérios: o contexto e a natureza do sentido (cognitivo ou afetivo), e Lyons os separa.

A admissão das quatro possibilidades combinatórias, inspiradas em Ullmann, é, no entanto, provisória em Lyons. Vejamos por quê.

O linguista é ciente das objeções feitas à distinção entre significado cognitivo e afetivo. A primeira objeção é a seguinte: os valores afetivos de um lexema não se separam, na linguagem cotidiana, o que nos parece sujeito à discussão. Para ele, associações afetivas se superpõem frequentemente ao chamado significado intelectual. Contra isso objeta Lyons (1979).

Não há necessidade de discutir aqui a validade psicológica das distinções entre as várias “faculdades” mentais sobre que se basearam originalmente as distinções entre significados “cognitivo” e “não cognitivo” sem necessariamente subscreverem a ideia de que o “intelectual” é profundamente distinto do “afetivo”. No que diz respeito ao uso da língua, é verdade, sem dúvida, que se pode preferir uma palavra a outra por causa de suas diferentes associações afetivas e evocativas. Mas a importância disso varia consideravelmente de um estilo ou situação para outra (1979, p. 477).

Outra objeção apontada por Lyons e, segundo ele, de maior monta é a seguinte: não há uniformidade conceitual no tratamento de distinção *sinonímia cognitiva/sinonímia não cognitiva*. Citamos este exceto de Lyons (1979).

Mas é sempre a sinonímia “cognitiva” que se define em primeiro lugar. Ninguém jamais fala de palavras como “sinônimos afetivos”, mas sim, “sinônimos cognitivos”. Bastaria esse fato para mostrar que “afetivo” está sendo usado como um termo polivalente que engloba um grande número de fatores bastante distintos e que podem influir na escolha dum sinônimo num contexto ou numa dada situação. O que é necessário é que se examine cada um desses fatores nos termos que lhes sejam apropriados. De nada adianta servir-se da categoria, sem dúvida importante, das conotações “afetivas” para tudo o que se pode fazer entrar na categoria do significado “cognitivo” (1979, p. 478).

A despeito dos prós apontados em favor da distinção entre significado cognitivo e afetivo, Lyons julga preferível restringir o termo *sinonímia* ao que os semanticistas chamam *sinonímia cognitiva*. Assim, crê por bem não mais estabelecer diferença entre sinonímia completa e incompleta.

De fato, a distinção entre significado cognitivo e afetivo é posta em termos muito vagos. Convém que atribuamos um valor mais operacional ao que se entende por afetivo, caso contrário, dependendo do autor, o termo adquirirá matizes diversos. Ora dirá respeito apenas ao que implica emoção; ora se vinculará aos aspectos relativos ao emissor, sendo neste caso sinônimo de *expressivo*. Pode-se chegar inclusive ao extremo de atribuir ao termo *afetivo* amplo espectro de abrangência: será inferido por exclusão, por negação do significado intelectual.

Um dos autores que contesta a oposição entre significado cognitivo e emotivo é Palmer (s.d., p. 76). Apresenta, para tanto, três argumentos:

- a) nem é fácil determinar com exatidão o que é significado “cognitivo”, nem razoável tentar defini-lo em termos de propriedades físicas. Deveríamos, sobretudo, notar que nesse sentido muitos verbos e adjetivos têm pouco ou nenhum significado cognitivo;
- b) há, por exemplo, palavras em inglês que são usadas com fins puramente valorativos, sendo notório o caso dos adjetivos *good* e *bad*, embora não se considere que não deveriam ocupar um lugar especial na linguística;

- c) fazemos juízos de toda a espécie e não apenas em termos de bom e mau. Fazemos juízos sobre o tamanho e usamos os termos adequados: *gigante/anão*, *montanha/colina*, etc. e fazemos ainda outro tipo de juízo quando escolhemos as palavras. O significado das palavras não é apenas uma questão de factos “objetivos”; há nele muito de “subjetivo”, e não é possível distinguir claramente entre uma coisa e outra.

Para muitos autores que acolhem o significado emotivo, há várias dimensões oponíveis aos chamados significados intelectuais. Queremos dizer: seria preciso um maior refinamento deste tipo de significado, o que não é tarefa fácil. Há várias propostas entre as quais a de Eco (1974, 1989). Leech (*apud* BIDERMAN, 1978, p. 147), um dos autores, por exemplo, oferece os seguintes tipos de significado, entre outros, os quais se podem contrapor ao significado intelectual o significado:

- a) conotativo: o que é comunicado em razão daquilo a que a língua se refere;
- b) estilístico: o que é comunicado sobre as circunstâncias sociais dos usos linguísticos;
- c) afetivo: o que é comunicado dos sentimentos e atitudes do locutor/escritor;
- d) refletido (*sic*): o que é comunicado através da associação com outro sentido da mesma expressão.

Eco (1974, p.42) considera o significado emotivo em meio a vários tipos de conotação termo que não definiremos aqui por nos levar demasiado longe. Entre eles, os conexos com a própria definição do lexema (Vênus = estrela da manhã), com os valores positivos ou negativos em torno do lexema (conotações axiológicas), com um dos perfis de significado atribuíveis ao item lexical. Ou seja, abrange a valoração também. Em outra obra (ECO, 1989), Eco opõe denotação a conotação em termos imprecisos, o que faz o autor alongar-se, por isso no assunto por deixar meio nebulosa a noção de denotação. Por isso não trataremos da extensão do significado emotivo.

Como vimos, o significado emotivo, agora chamado conotação emotiva, é apenas um aspectos entre outros, que, como halo, ficam em torno do signo verbal. Dois lexemas podem diferir, por exemplo, quanto às conotações axiológicas ou emotivas, embora apresentem sinonímia do ponto de vista estritamente conceptual.

4. Conclusão

Perini (1995) descrê de uma definição precisa do fenômeno sinônimo. Para Perini, “a noção de sinonímia permanece intuitiva e bastante nebulosa” (1995, p. 249). Afirma o autor que os chamados dicionários de sinônimos apresentam na verdade palavras de significados muito próximos, sendo, de fato, dicionários de ideias afins.

O autor tenta estabelecer um critério para a sinonímia, com base no conceito de implicação mútua: dadas duas palavras A e B, se A implica B e B implica A, haveria sinonímia. Contra-argumenta com duas palavras, *costume* e *hábito*, cujos significados se implicam reciprocamente. Todavia, a língua impõe restrições de emprego a uma e outra. Por exemplo: é lícito falar de *usos* e *costumes da nossa tribo*, mas não *usos* e *hábitos da nossa tribo*.

No entanto, apesar de todas as objeções contra a existência da sinonímia, existem autores que optam por enfoque menos radical sobre o assunto, embora admitam que sejam muitos os fatores interferentes, que limitam a sinonímia e põem em xeque o fenômeno enquanto pura identidade de significados. Se tomada em plano puramente referencial, a sinonímia torna-se mais fácil de ser descrita, mas se perdem de vista fatores de importância referidos aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1951.

BIDERMANN, Maria Tereza Camargo. *Teorias linguísticas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLOOMFIELD, Leonhardt. *Language*. New York: Holt Company, 1993.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Campinas: Pontes, 1992.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CEGALLA, Domingos Pascoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME, 1986.

- ECO, Umberto. *As formas do conteúdo*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- FÁVERO, Leonor. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.
- GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Lisboa: Presença, s/d.
- MACIEL, Maximino. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1911.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística*. São Paulo: EDUSP, 1989.
- SILVA JR., Pacheco da; ANDRADE, Lameira de. *Grammatica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Classica de Alves & C. 1894.
- PALMER, F.R. *Semântica*. Lisboa. Edições 70, s/d.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva da língua portuguesa*, 1943.
- PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, s/d.